

EXPECTATIVAS DO MERCADO

A recuperação da atividade econômica mundial segue em trajetória positiva, porém irregular. De acordo com o Departamento de Comércio norte-americano, o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu a uma taxa anualizada de 1,4% ao ano (a.a.) no último trimestre de 2015, depois de registrar expansão de 2% a.a. no trimestre anterior. Apesar da desaceleração, o nível de atividade continuou sendo puxado pelos gastos dos consumidores, que respondem por mais de 2/3 do PIB norte-americano. Além disso, o Índice de Atividade do Setor Industrial, medido pelo Instituto para Gestão da Oferta (ISM, na sigla em inglês), subiu nos meses de fevereiro e março, dando um sinal que a recuperação daquele país continua em marcha.

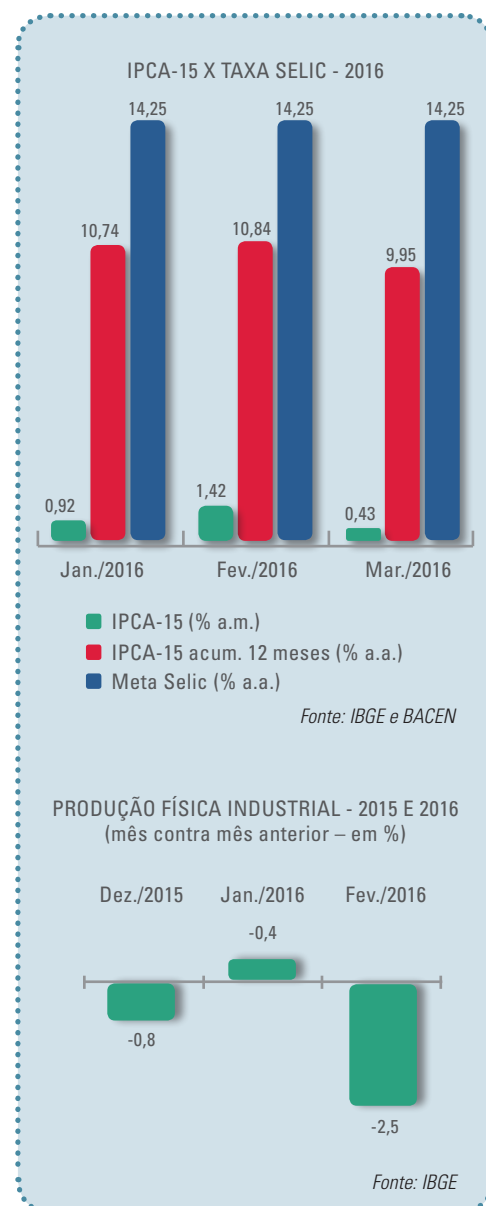
Segundo a Eurostat, agência de estatística da União Europeia (UE), em 2015 o PIB da região avançou apenas 1,6% a.a. Por sua vez, o Índice de Gerentes de Compras (PMI, do inglês Purchasing Managers' Index), que mede a atividade industrial e de serviços, subiu para 53,7 em março, o maior nível em três meses. Leituras acima de 50,0 indicam expansão da atividade.

Na China, o PIB cresceu 6,7% no primeiro trimestre do ano, quando compara-

do ao primeiro trimestre do ano passado. Porém, esta foi a expansão trimestral mais lenta desde o início de 2009.

Comparado ao desempenho das principais economias do mundo, o desempenho da economia brasileira continua fraco. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil o PIB caiu 3,8% em 2015, a maior queda anual desde 1996. Mais recentemente, a inflação cedeu um pouco (mar./2016), com o Banco Central do Brasil (BCB) mantendo a taxa de juros em patamar elevado. Inflação e juros altos, aliados à escassez de crédito e à queda do rendimento médio dos trabalhadores, têm contribuído para o baixo nível de atividade e o aumento do desemprego. A produção industrial, após ligeira recuperação em janeiro, voltou a cair em fevereiro (-2,5%) quando comparada à produção do mês anterior.

As expectativas de agentes do mercado financeiro (Boletim Focus, de 22 de abril de 2016) são de que o PIB continue a registrar queda em 2016, de 3,88% a.a., só voltando a crescer em 2017. A inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), deverá baixar para 6,9% a.a. em 2016; ainda assim, acima do teto da meta (6,5%).



EXPECTATIVAS DO MERCADO

	UNIDADE DE MEDIDA	2016	2017	2018	2019	2020
PIB	% A.A. NO ANO	-3,88	0,3	1,5	2,0	2,0
IPCA	% A.A. NO ANO	6,98	5,8	5,2	5,00	5,00
TAXA SELIC	% A.A. EM DEZ.	13,25	12,00	11,00	10,63	10,65
TAXA DE CÂMBIO	R\$/US\$ EM DEZ.	3,80	4,00	4,11	4,20	4,20

Fonte: BCB – Boletim Focus (22/03/2016).

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- Os donos de negócio no Brasil: análise por grau de informatização, faixa de renda e escolaridade;
- Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas 2014-2015.

Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando aqui: www.sebrae.com.br

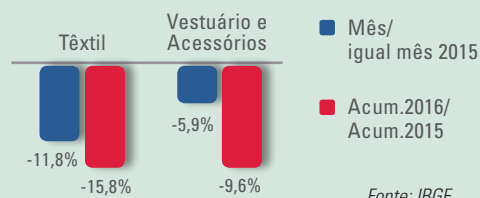
NOTÍCIAS SETORIAIS

COMÉRCIO
VAREJISTA

O comércio varejista, que concentra 44% dos Pequenos Negócios, registrou alta de 1,2% no volume de vendas e de 1,3% na receita nominal em fevereiro deste ano sobre o mês anterior, feito o ajuste sazonal. Mas, nos dois primeiros meses deste ano, o volume de vendas acumulou retração de 7,6%, enquanto a receita nominal registrou alta de 3,9%, ante o mesmo período de 2015. Os segmentos de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação e de móveis e eletrodomésticos foram os que acumularam as maiores perdas no volume de vendas neste último comparativo (-21,2% e -18,7%, respectivamente).

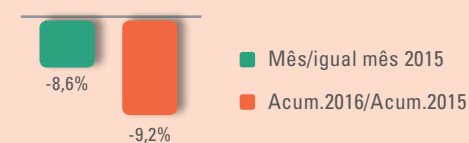
TÊXTIL E
VESTUÁRIO

A produção da indústria têxtil recuou 11,8% em fevereiro deste ano, sobre igual mês de 2015, e a confecção de artigos do vestuário e acessórios também apresentou queda de 5,9% no mesmo comparativo. No primeiro trimestre de 2016, as exportações de vestuário e acessórios caíram 8,2%, e as importações 48% frente as do mesmo período de 2015.

TÊXTIL E VESTUÁRIO -
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (fev./2016)

CALÇADOS

Em fevereiro deste ano, a produção de calçados registrou queda de 8,6% frente a igual mês do ano passado, e acumula retração de 9,2% em 2016. Já o saldo da balança comercial do setor nos primeiros três meses do ano, ficou positivo em US\$ 125,7 milhões, com as exportações totalizando US\$ 226,7 milhões, 6,1% abaixo da registrada em igual período de 2015.

CALÇADOS - PRODUÇÃO INDUSTRIAL
(fev./2016)

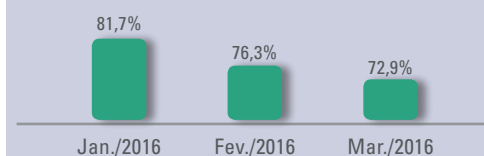
MÓVEIS

A fabricação de móveis registrou queda de 8,8% em fevereiro deste ano, sobre a fabricação do mesmo mês de 2015. Como o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos, em função das elevadas taxas de juros e restrições ao crédito, entre outros fatores, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. O setor também continua apresentando resultados negativos no mercado externo, tendo registrado, no primeiro trimestre deste ano, deficit de US\$ 89 milhões na balança comercial.



TURISMO

Segundo a "Sondagem do consumidor: intenção de viagem", do Ministério do Turismo, de março/2016, o percentual de brasileiros que desejam visitar destinos turísticos nacionais vem caindo, tendo atingido, 72,9% do total dos que pretendem viajar. Destes, 49,4% pretendem ficar em hotéis e pousadas e 59,8% devem usar o avião como meio de transporte. A região Nordeste continua sendo a preferida por 49,4% destes brasileiros.

PERCENTUAL DE BRASILEIROS QUE PREFEREM O
TURISMO INTERNO, ENTRE OS QUE PRETENDEM
VIAJAR NOS PRÓXIMOS SEIS MESES

Artigo



O EMPREENDEDORISMO E A ECONOMIA

MARCO AURÉLIO BEDÊ

Doutor em Economia pela USP e analista da UGE do Sebrae NA

Há muito tempo o fenômeno do empreendedorismo é associado à geração de emprego e renda na sociedade. Joseph Schumpeter, um dos mais importantes economistas da primeira metade do século XX, chegou a defender um tipo específico de empreendedor, aquele que, por meio do seu comportamento inovador, introduz na sociedade novos produtos, novos processos, novas matérias-primas, nova forma de organização ou novos canais de comercialização, e, com isso, promove profundas transformações na sociedade.

No dia a dia, esse tipo de empreendedor não é tão fácil de ser achado. Mas não há dúvidas que no Brasil, por exemplo, a maioria dos empreendedores exercem um papel de grande relevância na geração de novos postos de trabalho, seja por meio da criação de empregos para seus funcionários, seja por meio da geração da sua própria ocupação.

Segundo a pesquisa Global Entrepreneurship Monitor – (GEM 2015), recém-divulgada, no Brasil, 39% da população adulta possui um negócio ou está atualmente envolvida na criação de um negócio. Esta é a maior taxa já identificada na pesquisa desde 2002, quando foi de apenas 21%. A taxa total

“
*No Brasil, ...,
a maioria dos
empreendedores
exercem um
papel de grande
relevância na
geração de novos
postos de trabalho.*

de empreendedorismo no Brasil (39%) chega a superar a de países como México (27%), Estados Unidos (19%), Índia (16%), China (16%), África do Sul (12%) e Alemanha (9%). Evidentemente, em cada um desses países o perfil do empreendedor é diferente, e depende muito das características socioculturais e até do seu processo histórico. Porém, é inegável o potencial do empreendedorismo no Brasil. Segundo o GEM, o desejo de ter o próprio negócio é o quarto maior desejo do brasileiro. A questão é como aproveitar essa imen-

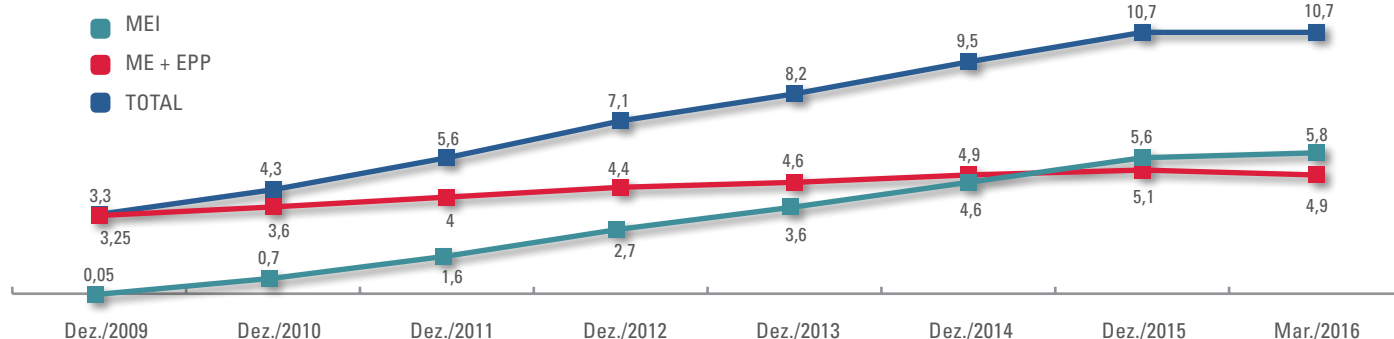
sa energia positiva em resultados mais concretos e duradouros no longo prazo.

Nos períodos de bonança, o ideal é investir no perfil desses indivíduos, na sua qualificação e no desatar dos nós que impedem sua evolução. Entenda-se aí o peso dos impostos e a burocracia. Nos períodos de crise, como o atual momento da economia brasileira, esse tipo de ação ganha ainda mais importância, já que a abertura de novos negócios atenua o aumento das taxas de desemprego. Porém, cresce a proporção dos empreendedores por necessidade. Para se ter uma ideia da atual situação, enquanto 2014 registrou a menor taxa de empreendedorismo por necessidade da série histórica (29%), em 2015, já sob o efeito da crise econômica, esta taxa saltou para 44%. Retornamos à situação de oito anos antes, quando chegamos a praticamente um empreendedor por necessidade para cada empreendedor por oportunidade.

Nesse contexto, toda e qualquer ação que possa ser feita para reduzir o peso dos impostos e a burocracia amplia as chances de sobrevivência desses negócios. Particularmente nesse período de crise, isto deveria ser um “norte” para os formuladores de políticas públicas no Brasil.

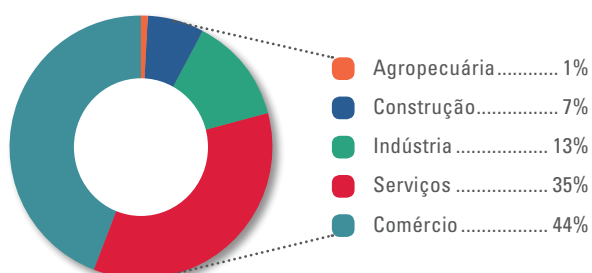
PEQUENOS NEGÓCIOS NO BRASIL

EVOLUÇÃO DOS OPTANTES PELO SIMPLES NACIONAL (em milhões)

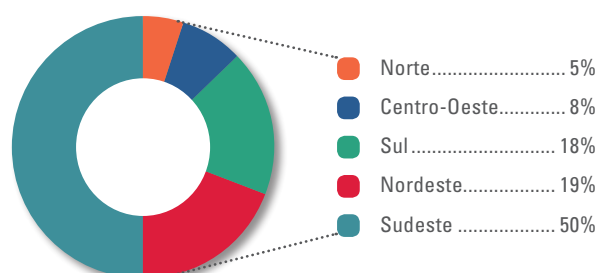


Fonte: Receita Federal do Brasil (RFB)

CONCENTRAÇÃO POR SETOR



CONCENTRAÇÃO POR REGIÃO



Fonte: Secretaria da Receita Federal – Dezembro/2015.

ESTATÍSTICAS DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO(A):	ANO	PARTICIPAÇÃO (%)	FONTE
PIB brasileiro	2011	27,0	SEBRAE/FGV
Número de empresas exportadoras	2014	59,4	FUNCEX
Valor das exportações	2014	0,82	FUNCEX
Massa de salários das empresas	2013	41,4	RAIS
Total de empregos com carteira	2014	51,2	RAIS
Total de empresas privadas	2015	98,2	SEBRAE
OUTROS DADOS SOBRE OS PEQUENOS NEGÓCIOS	ANO	TOTAL	FONTE
Quantidade de produtores rurais	2015	4,7 milhões	PNAD CONTÍNUA
Potenciais empresários com negócio	2015	11,6 milhões	PNAD CONTÍNUA
Empregados com carteira assinada	2014	19,8 milhões	RAIS
Remuneração média real nas MPE	2013	R\$ 1.485,00	RAIS
Massa de salário real dos empregados nas MPE	2013	R\$ 24,4 bilhões	RAIS
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	FUNCEX
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2014	US\$ 2 bilhões	FUNCEX
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2014	US\$ 179,4 mil	FUNCEX

Obs.: 1. Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

2. Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

3. Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.